

Capitalismo versus... o que?



Por **Maria Rita Kehl***

Um comentário crítico da coluna “Liberdade, igualdade, fraternidade” de Contardo Calligaris publicada no jornal Folha de S. Paulo

Li,

com o interesse de sempre, a coluna de Contardo Calligaris no jornal [Folha de S. Paulo](#) no dia 5 de março. O tema é tão importante que tive vontade de entrar no debate. No caso, para discordar de alguns pontos que alicerçam os argumentos do colega psicanalista. O que é raro: concordo quase sempre com o que ele escreve. Aprendo a pensar melhor com a leitura de suas colunas, pois Contardo preserva a prática iluminista, antidogmática, de expor ao leitor o percurso de seu pensamento. Pensamos “junto com ele”. No caso da coluna “Liberdade, igualdade, fraternidade”, pensei e... discordei.

De

acordo com seu argumento, é como se não houvesse alternativa ao capitalismo tal como ele se encontra hoje na quase totalidade dos países do planeta. E como se as experiências “socialistas” de Cuba e União Soviética, para não falar da Coréia do Norte, provassem que não é possível se pensar em alternativas para o capitalismo. O qual, diante disso, se torna cada vez mais selvagem.

Começo

a dizer que discordo da polarização proposta pelo colunista. Igualdade (no socialismo) vs liberdade (no capitalismo). Se assim fosse, eu escolheria de olhos fechados a liberdade. Bom, convenhamos que para mim é fácil: estou na ponta privilegiada do capitalismo. Assim como ele e outros profissionais liberais, não tenho patrão. Nem salário garantido, claro, mas este é o preço de minha liberdade. Assim como outros profissionais liberais, nos momentos de crise econômica somos obrigados a trabalhar muito mais, pois as pessoas que atendemos nos pedem, com razão, para pagar menos.

Ainda

assim, somos sortudos. Não temos patrão. Ninguém explora nossa força de

a terra é redonda

trabalho, ninguém (a não ser nós mesmos) nos impõe jornadas exaustivas, ninguém nos ameaça de demissão quando tentamos resistir contra perdas salariais - ameaça cada vez mais real diante da fila dos desempregados batendo a porta de nosso empregador. Estes que, no desespero, aceitariam (e aceitam) ocupar nossa vaga, em condições ainda piores do que aquelas que recusaríamos ao patrão por achar abusivas. É nas crises econômicas que o regime capitalista mostra seu potencial de crueldade.

Por

outro lado, a polarização Capitalismo x Socialismo abordada na coluna “Liberdade, igualdade, fraternidade” excluiu os países socialdemocratas, onde ainda é possível conciliar a redução da desigualdade com o pleno direito as liberdades individuais.

O

Brasil, onde nós, das classes médias urbanas, desfrutamos de liberdades de escolha quase plenas, ainda não erradicou completamente o trabalho escravo. Os direitos trabalhistas das empregadas domésticas, instituídos por lei em 2013, certa vez foram contestados pela escritora Danuza Leão com o seguinte argumento: “...e se meus amigos velhinhos quiserem tomar um chá as 11 da noite? Não teriam esse direito?” Pensei em responder que, sim, talvez antes de começarem a conceder à serviçal o direito à jornada de oito horas, ela precisaria ministrar aos patrões duas ou três aulas sobre como se prepara um chá...

Não

escrevo essas coisas para “ensinar” o que quer que seja a meu colega psicanalista e escritor. Trata-se de levar o debate adiante, na boa tradição iluminista em que incluo, por minha conta, o pensamento livre de Contardo Calligaris.

Hoje,

é fácil criticar o socialismo cubano, por exemplo. Isolada, pelo bloqueio norte americano, dos países com os quais poderia ter intercâmbio comercial, Cuba tornou-se um país muito pobre. Mas ao chegar no aeroporto de Havana, o viajante se depara com um cartaz que diz: “No mundo todo, hoje, milhões de crianças dormem na rua

[perdão, não me lembro da cifra exata]

. Nenhuma delas é cubana”. Bom, propaganda cada um faz quanto quer. Só que, nesse caso, é verdade. Assim como também não há, em Cuba, crianças fora da escola.

Já no

Brasil de hoje, um número cada vez maior de famílias vive nas ruas. Algumas perderam a casa recentemente: ao lado das sacolas e dos cobertores, o pedestre topa com colchões ainda em bom estado, um fogãozinho, livros escolares... desolador. O Brasil nunca foi comunista, nem espero que venha a ser. O grito de guerra da classe média irada contra os petistas - “vai pra Cuba!” - é ignorância ou má fé.

a terra é redonda

O

Brasil, nos governos de esquerda moderadíssima do ciclo petista, não foi, nem de longe, “cubano”. Mas conseguiu promover alguma redução de desigualdade. Conseguiu incluir jovens negros, descendentes de escravos, nas universidades – com bom desempenho, por sinal. Conseguiu demarcar algumas terras indígenas, como a Raposa Serra do Sol, hoje ameaçada pela ganância do agronegócio. Conseguiu levar atendimento médico de qualidade a periferias e lugares isolados onde os médicos brasileiros não queriam trabalhar. Eram médicos cubanos. De excelente formação, por sinal. Mandados de volta em 2019, claro.

E

por falar em Cuba... certa vez, num programa Roda Viva da TV Cultura, uma jornalista perguntou ao escritor cubano Leonardo Padura se ele tinha liberdade para escrever o que quisesse, em seu país. Ele respondeu: “tenho, sim. E essa pergunta, foi pensada por você ou seu editor mandou que você fizesse”? A moça engoliu em seco. Era jornalista do *Estadão*.

O mesmo jornal que em 2010 cancelou minha coluna quando eu defendi – o que? O comunismo? Não: o Bolsa Família, modesto e eficiente instrumento de redução da miséria instaurado por lei aprovada pelo Congresso Nacional em 2004.

***Maria Rita Kehl** é psicanalista, autora, entre outros livros, de *O tempo e o cão* (Boitempo).